

**REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES**  
ISSN 1678-3182

VOLUME V

NÚMERO XVIII

JUL - SET 2006

**O coração da luz <sup>\*i</sup>****O coração da luz**  
Università degli Studi di Roma "La Sapienza"  
Tradução de Shirley de Souza Gomes Carreira <sup>ii</sup>**Resumo:**

Reflexão sobre as imagens da África e a perspectiva eurocêntrica.

**Palavras-chave:**

África, imagem, eurocentrismo

**The heart of lightness****Abstract:**

Reflection about the images of África and the eurocentric perspective.

**Keywords:**

Africa, image, eurocentrism

## O coração da luz

**Prof. Dr. Armando Gnisci**

Procurarei apresentar de maneira crítica algumas imagens da África que nos perpassam as mentes.

Entendo por imagens as “idéias ativas” que a comunicação de massa contemporânea cria e fixa, ou veicula pelo discurso da política ou simplesmente transmite e perpetua, e então se tornam estereótipos, idéias feitas. Muito freqüentemente, esses dois tipos de imagens são concomitantes, sobrepostos e solidificados.

Não sendo um sociólogo da comunicação, não farei um discurso em torno das imagens da África, mas procurarei retirá-las do terreno da nossa vida cotidiana e trazê-las para a “berlinda” e invertê-las.

Um crítico, hoje, torna-se bem sucedido se escreve em jornais e aparece na televisão, mas se quer escrever crítica de fato, precisa conceber uma poética, isto é, uma práxis, uma pedagogia, um trabalho e uma luta; conduzi-la ante os obstáculos e mantê-la viva, ainda que sujeita à clandestinidade.

Por crer nisso, busco trazer à luz essas imagens difundidas pela sociedade do espetáculo e interrogá-las, em um processo pessoal de descolonização da “hegemonia européia nativa”, e em um movimento rumo à diversidade. Para essa finalidade, de nada me vale a filosofia ocidental, por mais que seja pós-moderna, ou desconstrucionista, ou qualquer coisa equivalente. É necessário, sim, percorrer a galeria de imagens levando em consideração que são retiradas da cultura italiana, mas pensando que são igualmente representativas da visão do primeiro mundo, visto que fazemos parte da “Eurolândia”.

A primeira imagem é tipicamente televisiva: a África dos animais, difundida há anos pela RAI.

A segunda é advinda do luxuoso mundo da publicidade: uma mulher negra que me faz pensar repentinamente na idéia leopardiana do “Diálogo da natureza e de um islandês”, no qual a natureza habita no “interior da África ... até a linha do horizonte” e se apresenta como “uma forma desmedida de mulher sentada na terra, com o busto rígido, apoiada nos cotovelos em uma montanha, não fingida, mas viva; com o rosto entre o belo e o terrível; olhos e cabelos nigérrimos...”

Essa mulher está diante de nós, em página dupla, deitada sobre a própria sombra. Está nua e absolutamente bela. Não é a imagem da beleza, mas simboliza a “natureza bruta desnuda” (mas bela), da qual a regra e interpretação italiana trazem a pele para fazer os sapatos masculinos. Infernal, direi! Essa publicidade é recente, de outubro de 1998, e foi veiculada no “Venerdì di Repubblica”. Podem pensar em todas as possibilidades de interpretação, da psicanalítica à feminista, da semiótica-estética de Umberto Eco à pós-moderna. Dou-lhes essa liberdade.

A terceira imagem não é visual, mas literária. Podemos sintetizá-la na famosa fórmula de Karen Blixen: “a minha África”. Referimo-nos à mania dos escritores brancos, de Hemingway a Moravia, de criar um mito africano e vendê-lo aos outros brancos. A África tem sido feita objeto e terreno para o exercício de uma inteligência e do protagonismo “superior”. A África é o exótico natural, enquanto a Ásia é artificial. A África é o mundo em um estado antediluviano, quando os dinossauros ainda circulavam nele, disse Moravia, ao dar início ao seu livro de viagens *Passeggiate in Africa*, de 1987, com um capítulo que é estritamente o seu programa: “Em um ar de pré-história reencontro a minha África”. Seu último romance, publicado em 1991, *A mulher leopardo*, passa-se no Gabão e apresenta a África como o

fundo “pré-histórico e sufocante” do acontecimento narrado: “na África há o vazio... lá, ou se vive no presente, momento a momento, ou se precipita pouco a pouco, vertiginosamente, na pré-história. Entre nós e o homem das cavernas não existe nada... a visão de um dinossauro de trinta metros de comprimento que surgisse lá embaixo, daquele bosque, não nos surpreenderia tanto”.

Em contrapartida, há o livro, recentíssimo, que me deu a impressão de inverter essa imagem literária, *Aventura na África*, de Gianni Celati. Nele, o escritor é um passageiro- não um viajante- e um visitante, um aventureiro e um hóspede e penetra na África, em seus caminhos e imprevisibilidade. Celati não é um protagonista destacado e superior que se retalha e retrata a sua África. Ao contrário, caminha ao encontro do seu destino, dos acontecimentos que se insurgem a cada momento, fazendo da África o local e o devir desses acontecimentos. Descreve mundos, caminhos e métodos, os sentidos derivados, em cujo entretecer um branco, que escreve, se vê intrincado, como qualquer viajante que se aventure entre Senegal e Mali. A África é um mundo de mundos. O branco Paul Bowles compreendeu e decidiu permanecer nele. Talvez também, a seu modo e em outra época, Rimbaud houvesse ido à África, voltando a Europa apenas para internar-se em um hospital e morrer. De resto, permanecer é o único modo de não sentir a distância da África, um mal do qual os brancos dizem serem vítimas quando estão na Europa.

Essa terceira imagem, porém, não é exclusiva dos escritores. É comum também aos exploradores e legionários, aos ex-governadores, aos soldados e aos senhores da alta burguesia. Todos os que um dia disseram, ou escreveram, “a minha África”. E há sempre o perigo da indústria da cultura do norte fazer disso um “filão” de sucesso. Assim, teremos a África de De Crescenzo, de Enzo Biagi, de Sgarbi, de Craxi, de Alba Parietti.

A quarta imagem é a comum, difusa e sintética, da África como continente de todos os males e horrores, uma espécie de caixa de Pandora implodida. Fome e miséria, deserto, doenças primitivas e mortais, a pátria da Aids, guerras contínuas e incompreensíveis, genocídios e torturas. A África como imagem do caos, enquanto nós, que assim a contemplamos, somos os portadores da luz e da ordem.

A quinta imagem é a mais comum e difundida, e também a mais aceita: a África é o local no mundo onde, como se diz em Roma, com expressão cinicamente sublime, “non ce ne può fregare di meno”<sup>iii</sup>, senão pelo fato de que exporta a cada dia “os fétidos e miseráveis imigrantes”, farrapos humanos que, depois, abrigamos em casa, e aos quais pagamos para viver com as nossas taxas e o nosso trabalho, enquanto nossos filhos estão desempregados.

A sexta imagem é toda das operadoras de viagens, que utilizam a fórmula “SS”: safári e Seychelles, em um pacote completo com o vôo Milão-Nairóbi-Milão incluído. Todos os que o fazem pensam que esses passeios não são propriamente na África, mas em hotéis de luxo, em mares incontaminados e anônimos, lugares onde há leões distantes e gazelas a galope. Ao retornar, é importante que se diga que se acaba de retornar da África; é algo exótico, aventureiro, diferente, se comparado às viagens dos colegas a Fillettino, ao Monte Amiata, ao roteiro Viena-Budapeste-Praga, a Paris.

Pode-se juntar uma última imagem, muito banal também, que se vê em *Assédio*, de Bertolucci, um daqueles filmes que a crítica italiana exalta como sendo a grande virada da arte cinematográfica, juntamente com a obra de Moretti e Tornatore, aquela que diz “África” como um continente indistinto, uma realidade bloqueada e confusa. Diz-se: Vou à África; não se diz “Vou à América Latina”, e muito menos, “Vou à Europa ou à Ásia”. De um modo parecido, só se faz referência à Austrália, que, não obstante seja um continente, é um país único.

Por detrás dessas imagens, às quais pode-se ajuntar todas as outras que vierem à mente, tenho pensado nestes últimos anos que existe uma imagem quase invisível, que se reduz a uma sombra em um espelho escuro, um perfil indistinto e opaco que parece estar sempre em fuga, uma figura remota que não consegue retornar, tateando como uma criança cega e muda, embaixo das mesas de um pavimento sobre o qual há uma camada do cimento da nossa indiferença.

Estou sobre as suas pegadas agora. A primeira que encontro é a imagem, obscurecida e quase impensável, da África como uma ilha, artificialmente retalhada a oeste pela proeza de um Hércules mítico e a leste pela tesourada istmica de Suez ao som da marcha triunfal de “Aída”. Este “isolamento” causado pela Europa corta a coroa tricontinental que emoldura o mediterrâneo, para poder constituir a África como um “objeto negro”, absolutamente manipulável: rústico, pleno de recursos primários, primitivos e desfrutáveis sem que haja um controle, incompreensível e desumanizado. A melhor imagem que tenho dessa idéia está contida em uma misteriosa página de *O coração das trevas*, de Joseph Conrad. Ali, onde se narra de uma embarcação europeia que bombardeia, sem nenhuma razão evidente, a floresta pluvial do Congo. Dispara contra a escuridão pré-histórica, contra a floresta negra equatorial, talvez contra “o sentimento religioso comum à África: o medo”, como escreveu Dacia Maraini, recordando o giro anual pelo continente, por dois anos consecutivos, com o “seu” Moravia.

A essa imagem associa-se a de uma ilha que existe como obstáculo, no caminho marítimo para as Índias. Vasco da Gama, em 1498, contornou-a e chegou a Calicut. Desde então, ela habita o nosso inconsciente coletivo europeu assumindo a máscara de um penhasco escuro e desumano que foi vencido e deixado para trás. Desde então, ela se tornou a matriz obscura de todas as imagens da barbárie, do primitivismo, da natureza em

seu estado original, do deserto e da floresta, do vazio absoluto. A África, com o colonialismo, tornou-se a natureza violada, o selvagem estuprado, a voz silenciada, a carnificina, o livre-arbítrio da devastação, como na América. Assim, transformamos o mundo em um “norte de luz, de progresso e de poder” e em um sul miserável, exótico, selvático, caça exposta aos predadores.

Nós, italianos, temos um primado exemplar nesse estado de coisas: somos os europeus que com mais obstinação removemos o nosso próprio colonialismo. E também sobre isso tenho indagado nestes últimos tempos. Mas indagar não basta. É necessário agir, dismantelar e reconstruir, ensinar a diferença e a pluralidade dos mundos, opor-se ao pensamento único, praticando uma luta poética. Os intelectuais europeus não têm o menor interesse na África. No máximo, ela serve de assunto para um artigo ou ensaio, ou para uma apresentação em um evento. Quem compra um livro sobre a África? Não é nem mesmo publicado, pois não há mercado. Não existe; é como a Somália, um país desaparecido no nada.

Devemos tornar-nos iconoclastas para denunciar e demolir as imagens da África, ensinando as futuras gerações a amá-la.

Tendo estado de setembro a novembro na Costa do Marfim, para o primeiro festival de poetas africanos, organizado por Paul Dakeyo, e, em seguida, em uma universidade norte-americana para um evento sobre as relações entre a África e a Itália, aprendi, com essas duas viagens, que o reino da riqueza te acolhe com comodidade, pagando-te até mesmo a viagem, mas te quer apenas momentaneamente, não se pode pensar em permanência. Na África, recebem-nos com a expectativa da permanência; com uma hospitalidade genuína. Pareceu-me ser possível uma história dos mundos que nós, europeus, destroçamos, como disse Aimé Césaire em seu *Discurso sobre o colonialismo*. A possibilidade de, depois da

visita de descoberta e exploração dos europeus, interagir com os africanos, não mais como colonizadores e colonizados, mas como cidadãos de mundos diversos, em um incessante colóquio.

Os africanos parecem-me estar mais abertos a isso do que nós europeus, contrariando a lógica e as leis de nosso saber histórico. Dessas experiências, do sonhar acordado que só é possível em África, se nutrem as poéticas. Creio ser necessário construir uma *poética de retorno* à África, uma recíproca às migrações atuais de africanos para a Europa.

Retornar à África, depois da experiência colonizadora, para aventurar-se na possibilidade da igualdade, por uma porta que os africanos deixaram aberta, vendo-a não mais como um mundo primordial e desventurado, necessitado de caridade e cooperação, mas com o respeito e a reverência da igualdade.

Quem ama a África a ama por isso, e, pelo mesmo motivo, crê que ela seja “O coração da luz”.

---

<sup>i</sup> “The Heart of Lightness”. Trocadilho com *The Heart of Darkness*. de J. Conrad.

<sup>ii</sup> Do original em italiano, “The Heart of Lightness”, Poetiche dei Mondi. Roma, Meltemi, 1999.

<sup>iii</sup> Com o qual não devemos nos incomodar, ao qual não devemos dar importância...